

O kântele e a criança de seis anos

Mariana Pinto da Mata Machado

O Kântele pode fazer parte do universo da criança desde bebê, quando tocado e acariciado pelos pais. Os sons da escala pentatônica, o timbre aveludado, trazem alento e aconchego. O bebê sente-se acolhido e confortável no mundo onde acaba de chegar.

À medida em que vai crescendo a criança se familiariza cada vez mais com o instrumento. Quer manuseá-lo, explorá-lo. Imitando os gestos da mãe, ela vai aprendendo a tocar e cantar.

Dos 0 aos 7 anos de vida ocorre um processo de estruturação. Forças grandiosas estão atuando, formando, plasmando, preparando este que será o instrumento com o qual vamos atuar no mundo: nosso corpo físico, que é único e insubstituível.

A música pentatônica pode ser um forte aliado nessa fase, especialmente o Kântele, acompanhado do calor da voz humana. Ela traz forma e estrutura sadias ao corpo físico (ainda em maturação) e também ao ser anímico-espiritual.

Por volta dos seis anos, chegamos a um momento especial da primeira infância: a transição para o segundo setênio. O trabalho das forças plasmadoras vem mudando de estágio e logo elas estarão liberadas para servirem à memória, ao aprendizado, ao pensar imaginativo. A criança já alcança um tempo maior de concentração e quer aprender coisas novas. Concentrando, ela ouve com mais consciência e a motricidade fina passa por grande aprimoramento.

Ao mesmo tempo, ocorre uma inibição da fantasia, que está se metamorfoseando. Ela necessita mais alimento, imagens, histórias. A criança já consegue segurar o Kântele por mais tempo e pode aprender a tocá-lo. Aprende através de histórias e brincadeiras, imitando os gestos do adulto.

Partimos de movimentos amplos como andar, saltar, contrair e expandir em roda, estando todo o corpo envolvido. Depois podemos sentar e, com veneração, tocar no Kântele as canções que já foram cantadas e vivenciadas com o corpo. As crianças espontaneamente imitam a professora, cada uma dentro do seu estágio de maturidade.

A partir do gesto amplo e primordial do Kântele, o de expansão e contração, a consciência vai chegando às mãos. Os dedos aprendem a acariciar cada corda do instrumento, ouvindo o som que delas emana.

O dedo indicador pode se transformar numa abelhinha que voa e pousa cada hora numa flor. Às vezes, o "papai abelhão" pede que sua filhinha suba até o alto da montanha (passando por todas as cordas), para depois descer. Assim vão se mostrando as canções, que também podem surgir das próprias crianças.

Aos seis anos elas já se aquietam durante um tempo maior, executando atividades direcionadas a todo o grupo. A capacidade de concentração será essencial no Ensino Fundamental, que terá início por volta dos sete anos de idade.

É oportuno, nessa fase de transição, consolidarmos as habilidades que serão necessárias nos anos seguintes. São elas:

- A motricidade fina, base para o exercício da escrita, se consolida ao tocarmos o Kântele. Ela é desenvolvida a partir dos movimentos mais amplos, com todo o corpo, até chegar à ponta dos dedos, trazendo a destreza através do prazer de tocar uma linda canção.

Texto elaborado por participante do Curso Antropomúsica.

Baixado do site www.ouvirativo.com.br

- A capacidade de escutar com calma e profundidade, tão pouco presente atualmente, está também sendo amplamente cultivada. O timbre das cordas desse querido instrumento, nos chama a ouvi-lo, com imenso respeito ao nosso ouvido. Todo aprendizado depende de uma escuta atenta e consciente.

Às vezes, durante a aula de Kântele, escutamos um único colega tocar. "Recebemos um raio de sol" (quando os dedos deslizam por todas as cordas) de alguém, para depois oferecê-lo a um outro colega. Enquanto isso todos esperam e escutam com paciência. São pequenos e preciosos momentos de sociabilidade, respeito e capacidade de trabalhar em grupo (base para a vida escolar).

Também cada imagem traz um som e um timbre diferentes. As ondas do mar, o vento, o fogo, a brisa nas árvores, o trotar do cavaleiro, as asas da borboleta... Estamos cultivando, além de uma musicalidade mais refinada, a percepção de que cada ser da natureza, assim como cada pessoa, é diferente uma da outra.

É importante que esses valores e capacidades sejam levados à criança apenas através da vivência dos sentidos, ainda inconscientes. Numa idade bem mais avançada, ou mesmo na vida adulta, tudo isso irá emergir e irradiar conscientemente para o mundo.

Aos seis anos a criança necessita receber do adulto tarefas muito claras e objetivas, com começo, meio e fim. Assim são as canções e histórias. Cada som tem o seu momento de aparecer, existe uma sequência de fatos, um desenrolar e um fechamento. Repetimos uma atividade quantas vezes forem necessárias para a sua assimilação, sempre através do "fazer".

Importante lembrar que nem todas as crianças da mesma faixa etária estarão tão prontas e maduras. Frequentemente são constatados distúrbios de desenvolvimento, frutos de diversos fatores. A vivência musical através do Kântele e do trabalho ritmico-corporal podem favorecer esse processo de educação e maturação, passando a ocupar um lugar terapêutico e harmonizador, que irá beneficiar a todos.

Referências e bibliografia

Esse trabalho foi escrito baseado em minhas vivências como professora Waldorf durante 15 anos, no Jardim de Infância e Maternal.

Há 6 anos, passei a dar aulas de Kântele para as crianças de seis anos, orientada pela professora Flávia Betti.

O que aqui se encontra é fruto do Antropomúsica e desses anos de estudo e trabalho com crianças e pais. Não houve textos específicos como referência bibliográfica.